

QUEM COMEU AS HISTORINHAS?

Januária Cristina Alves

Responsável pelo
Material:
Patrícia Montezano

ILUSTRAÇÕES
Orlando Pedroso

**Livro do
Professor**



Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Bom De Ler Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

BOM DE LER EDITORA LTDA.
Rua Candelária, 60, GRP 701 A 714
CEP: 20091-020
Centro — Rio de Janeiro — RJ

Direção editorial: Daniele Cajueiro
Editoras responsáveis: Luana Luz e Mariana Elia
Produção editorial: Adriana Torres, Bárbara Anaissi e Laura Souza
Copidesque: Luciana Figueiredo
Projeto gráfico: Larissa Fernandez
Diagramação: Rafael Lima

Material Digital de Apoio à Prática do Professor
que acompanha o Livro do Professor da obra *Quem
comeu as historinhas?*, 1ª edição.
Patrícia Montezano.
Rio de Janeiro: Bom de Ler, 2021.

Título: Quem comeu as historinhas?

Autora: Januária Cristina Alves

Ilustrador: Orlando Pedroso

Tema: Diversão e aventura; O mundo natural e social

Gênero literário: Teatro e Dramático

Categoria: 1° ao 3° ano

SUMÁRIO

1. CARTA AO PROFESSOR	5
2. APRESENTAÇÃO DA OBRA	6
A autora e o ilustrador	7
A obra em relação ao gênero, ao tema, à BNCC e à PNA	8
3. PROPOSTAS DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA	10
Atividades pré-leitura	11
Atividades durante a leitura	14
Atividades pós-leitura	25
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
5. SOBRE A RESPONSÁVEL PELO MATERIAL	30

1. CARTA AO PROFESSOR

Caro Professor,

Com o intuito de colaborar com seu planejamento pedagógico apresentamos o *Material Digital do Professor* de **Quem comeu as historinhas?** Este é um recurso que apresenta sugestões de atividades para o trabalho da literatura na sala de aula e de ações que promovem a literacia familiar, levando em conta os diferentes atores no processo de formação de leitores autônomos, críticos e interessados pela leitura.

Sabemos que os leitores são formados ao longo da vida e que o despertar para a literatura não acontece naturalmente. A família e a escola possuem um papel fundamental ao promover o contato do leitor com diversos temas, autores, ilustradores, gêneros e, atualmente, suportes — considerando a facilidade de acesso ao mundo digital. A Educação Literária envolve muitos atores, mas, inegavelmente, começa em casa e se aprofunda na escola (Lomas, 2006). No ambiente escolar, as intervenções vão desde a disponibilização e a indicação de títulos, ao acesso e à livre escolha, desde o trabalho em sala de aula, até a orientação e o estímulo ao engajamento da família.

Quem comeu as historinhas?, escrito por **Januária Cristina Alves** e ilustrado por **Orlando Pedroso**, é uma leitura envolvente, pois promove o encontro do leitor com a arte e suas diferentes linguagens. Um encontro no qual a literatura desvenda o teatro e o teatro apresenta a literatura.

Além de conhecer uma nova história, o leitor tem a oportunidade de explorar os elementos do texto teatral, ampliar o olhar para o texto verbal e o não verbal e interagir com a narrativa, o que estimula a imaginação, a criatividade e a apropriação do texto. Como destaca a pesquisadora e ensaísta Marisa Lajolo, em seu livro *Literatura: leitores e leitura*:

A literatura é a porta para variados mundos, que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro [...] Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um. Tudo o que lemos nos marca. (Lajolo, 2001).

Esperamos que sua experiência com **Quem comeu as historinhas?** seja significativa para sua vivência como leitor e que isso reverbere na sua mediação de leitura e no seu trabalho de formação de leitores. Bom trabalho!

Bom de Ler

2. APRESENTAÇÃO DA OBRA

Quem comeu as historinhas? é uma obra literária do gênero teatro, ou gênero dramático, isto é, um texto escrito com uma intenção: a encenação. Por isso, traz elementos específicos como rubricas e informações destinadas a atores, produtores, diretor, figurinista, contrarregista entre outros.

As ilustrações de Orlando Pedroso, além de complementar a narrativa, chamam a atenção do leitor para elementos relacionados ao teatro e suas funções: como palco, cenário, iluminação e cortina.

A narrativa gira em torno de um mistério: os escritores não conseguem escrever porque as letras não aparecem no papel. Inconformado com a situação, o escritor Alfredinho chama sua amiga, a detetive Cristiane, para investigar.

Logo no início das investigações ela descobre que a situação é ainda mais grave, pois as histórias já escritas também sumiram dos livros. Isso mesmo! Onde havia história e ilustração, agora só há papel em branco.

“E um mundo sem histórias é muito chato!”, é o que diz o menino Zeca, que se propõe a ajudar a detetive. Com muita leveza, a autora desafia o leitor a auxiliar as personagens a salvar o mundo da chatice, recuperando as histórias. Ao seguir as pistas, acabam se deparando com um velho conhecido das crianças, o bicho-papão, que também não está lá muito contente e tem suas reivindicações. Será que os vilões só podem ser vilões? Eles realmente têm que ser malvados em todas as histórias? Será que é possível mudar isso?

Quem comeu as historinhas? foi escrito pela educadora, jornalista, escritora e roteirista Januária Cristina Alves e ilustrado por Orlando Pedroso. O texto é uma das peças escritas por Januária que foram contadas/encenadas no Bambalalão, programa infantil veiculado pela TV Cultura/SP, nos anos 1980 e 1990.

Apresentar essa narrativa para os estudantes é uma forma de reforçar o importante papel que o texto literário tem de envolver, conectar e ancorar a imaginação, os saberes, as reflexões e os afetos da infância, ao mesmo tempo em que apresenta e promove a construção de sentidos a partir de diferentes formas de ver o mundo na comunicação para além das palavras. Este movimento aproxima o olhar do estudante para os sujeitos, os contextos, a linguagem oral, gestual e corporal, as expressões e a intencionalidade específica da escrita para o teatro.

A AUTORA E O ILUSTRADOR

Com a experiência de quem tem mais de cinquenta livros publicados e recebeu dois prêmios Jabutis de literatura, a escritora Januária Cristina Alves coloca nas mãos dos leitores uma obra divertida, reflexiva, instigante e com inúmeras possibilidades para que você, professor, atue na construção de competências de leitura e de escrita, estimule a imaginação e a criatividade dos seus alunos, contribuindo significativamente para a formação de leitores e escritores. Com a palavra, a autora:

Desde criança o teatro me atrai. Brincar de teatro era algo especial, porque me permitia "ser outras pessoas e coisas que não eu mesma": isso era, ao mesmo tempo, um desafio e um fascínio. Mal me dava conta, lá estava eu escrevendo peças, arrumando sucatas para compor os cenários, convidando a vizinhança para me assistir e aos meus amigos.

Em 1988, o que era brincadeira virou uma deliciosa realidade: comecei a escrever histórias para o Bambalão, programa infantil da TV Cultura de São Paulo. Era uma delícia inventar as histórias para depois vê-las encenadas, observar meus personagens "vivos", falando, se movendo, interagindo com o público.

Espero que as crianças se animem a montar esse enredo e a inventar muitos outros. E que descubram que sempre haverá infinitas maneiras de contar a mesma história. É isso que faz com que o teatro continue mais vivo do que nunca, arrastando milhares de pessoas, em todo o mundo, para a misteriosa magia que se esconde atrás das cortinas!

Ainda criança, o ilustrador e artista plástico Orlando Pedroso descobriu sua paixão por desenho e, depois de completar o Ensino Médio, cursou artes plásticas. Por quase trinta anos foi colaborador do jornal *Folha de S. Paulo* e continua levando reflexões bem-humoradas e irônicas por onde seus traços e cores são impressos. Pedroso já publicou muitos livros e é coautor do *Livro dos segundos socorros*, dos Doutores da Alegria. Com a palavra, o ilustrador:

Fazendo teatro na escola, descobri o prazer de contar uma história, de viver personagens que não são você e a importância de um bom texto. Desenhar, ilustrar livros, tem um pouco do teatro porque você, como o ator, dá vida a personagens que até então estavam só na cabeça do autor do texto. Desenhando, me torno ator, autor, criador e criatura assim que as cortinas se abrem.

A OBRA EM RELAÇÃO AO GÊNERO, AO TEMA, À BNCC E À PNA

Quem comeu as historinhas? é uma narrativa do gênero teatral, podemos também dizer texto dramático, indicada neste material para o 3o ano do Ensino Fundamental. Mas não se trata de uma indicação fixa, afinal, já pontuamos que o interesse e a curiosidade são essenciais no processo de formação de leitores. Quem melhor do que o professor para indicar leituras que despertem em sua turma a “vontade de ler”? Portanto, as propostas deste material também podem contemplar os dois primeiros anos se você, professor, perceber a maturidade da turma e o desenvolvimento dos seus alunos no processo de alfabetização para adaptar as atividades e reflexões.

Por ser um texto teatral, o trabalho envolve, já como ponto de partida:

- a narrativa em si, uma história de mistério a ser compreendida, apreciada, explorada em seus elementos estruturais (enredo, tempo, espaço, personagens, construção do discurso direto, uso da linguagem culta e da coloquial) e utilizada como meio para compor a visão de mundo e o repertório individual do leitor;
- a organização específica do texto teatral e seus marcadores para as personagens, que envolvem a linguagem oral, gestual, expressiva, e para a cena: cenários, figurinos, efeitos, movimentação das personagens, entre outras.

O enredo aborda a relação das pessoas com as narrativas — e a importância destas —, que é colocada à prova quando os escritores ficam impedidos de escrever novas histórias, situação que se agrava com a descoberta de que as histórias que já foram escritas também desapareceram. A obra tem como temas centrais “Diversão e aventura” e “O mundo natural e social”. Por meio da sequência narrativa, as crianças vão vivenciar e se emocionar com as aventuras das personagens e também vão compreender como se estabelecem as relações entre as pessoas no mundo real e no imaginário.

Como seria um mundo sem histórias? Para reverter a situação as personagens iniciam uma investigação que termina mostrando o outro lado das histórias: o ponto de vista das personagens. O bicho-papão, que faz parte do folclore brasileiro e de muitos outros países, traz em si características vinculadoras e agregadoras relacionadas à subjetividade que estabelecem vínculos diretos com tradições culturais passadas e presentes. Nesse sentido, oportuniza o contato com um tempo eterno, o tempo da memória individual e coletiva, que atravessa gerações.

Na narrativa, Papão demonstra sua insatisfação em ser sempre vilão e surpreende dizendo que gosta de crianças e que queria ser visto como amigo e não como ameaça. Essa perspectiva pode ser uma “novidade” para muitos estudantes e pode estimular a reflexão sobre o outro, sobre as relações, os rótulos e a complexidade do ser humano. Afinal, será que o Papão é sempre mau? Será que uma pessoa conhecida por seu mau humor é realmente mal-humorada o tempo todo? A solução encontrada para a personagem é a criação de uma nova história, o que possibilita ao leitor ultrapassar as fronteiras do texto e imaginar, criar, compartilhar, colocar em prática suas reflexões...

Quem comeu as historinhas? também possibilita diferentes práticas de linguagem que colaboram com o desenvolvimento de competências e habilidades descritas tanto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) quanto na Política Nacional de Alfabetização (PNA).

A espinha dorsal da PNA é a **fluência da leitura oral**, o **desenvolvimento do vocabulário**, a **compreensão de texto** e a **produção de escrita**. Essas habilidades são desenvolvidas neste Material de forma sistematizada, como apontamos a seguir:

A **fluência da leitura oral**, que é a capacidade de ler com precisão, prosódia e velocidade adequadas, que é desenvolvida em sala de aula, a partir da escuta de leituras feitas por leitores proficientes, o que chamamos de modelagem da leitura fluente, pela prática e pelo treino da leitura em voz alta, seja individual ou coletiva/compartilhada.

O **desenvolvimento do vocabulário**, que é a ampliação da base lexical por meio de práticas de linguagem e da inferência de sentidos a palavras e expressões a partir do contexto em que estão inseridas e/ou com o uso de dicionário.

A **compreensão de texto**, que se inicia nos conhecimentos prévios e levantamento de hipóteses e expectativas, passa pela constituição e utilização de estratégias de leitura, a identificação de informações, a compreensão de informações explícitas e implícitas no texto, a articulação dessas informações entre si e entre as percepções

do leitor, até a elaboração de opiniões, de conexões pessoais que podem se apresentar como conclusões, sugestões e/ou a recriação da história a partir de suas referências de mundo, repertório, valores e cultura. É na compreensão que se revela o propósito da leitura é o momento em que o texto e o leitor se encontram e se transformam. É por meio da compreensão do que se lê que o leitor desenvolve a confiança e a segurança necessárias para reconhecer o prazer de ler.

A **produção de escrita**, que é a habilidade de escrever palavras, como frases ou textos, utilizando os conhecimentos linguísticos e semânticos aprendidos por meio de um trabalho intencional, gradual, sistemático e organizado. Segundo Morais (1998), é imprescindível que se estabeleça, em sala de aula, um ambiente propício:

Para conseguir que as crianças se interessem em escrever corretamente, precisamos desenvolver no cotidiano escolar uma atitude de curiosidade sobre a língua escrita como um objeto de conhecimento cujos detalhes podemos desvelar. Entre esses detalhes está a forma correta das palavras". (Morais, 1998).

3. PROPOSTAS DE ABORDAGEM EM SALA DE AULA

As atividades aqui apresentadas são sugestões que propiciam a apreciação, a apropriação da língua, a compreensão, a construção de vínculos entre o lido e o vivido, a significação da literatura, a experiência do diálogo (fala e escuta), as trocas (convergências e divergências).

Mesmo que organizadas em momentos aparentemente lineares que envolvem o antes de ler, durante a leitura e depois da leitura, compreendem a literatura enquanto objeto de fruição e exploração, o que pressupõe que, apesar de existir um ponto de chegada, o caminho deve ser trilhado num transitar que leva em consideração a interação entre o texto e o universo interior do leitor, compreendendo a importância do encontro entre a palavra literária e a palavra de quem lê. Podemos descrever as propostas deste manual como referência para o trabalho dentro e fora do ambiente escolar, envolvendo as famílias.

Uma boa leitura é aquela que abre espaço para uma boa conversa. A mediação da leitura deve ser feita por meio de questionamentos e proposições que oportunizem a leitura com propósito e presença. Conversar sobre o que se leu é como apontar uma lanterna num ambiente escuro, focando cada ponto. “O que chamou sua atenção? O que você espera deste livro, acontecimento, personagem...? O que você pensa sobre... O que você faria se...”. Durante a conversa, essas perguntas também são respondidas pelo outro, o que torna possível reconhecer que existem diferentes lugares e diferentes pontos de vista. É assim que as luzes se acendem...

Dessa forma, a adequação/personalização das propostas são fundamentais para a constituição de uma rede de mediações socioculturais que façam sentido para sua turma. Sabemos que nessa fase da escolaridade há muitas diferenças de nível de compreensão leitora e condição escritora, por isso, preferimos oferecer um leque de opções que vão lhe permitir usá-las a partir da maturidade dos seus alunos e nível de alfabetização.

Há também decisões que precisam ser tomadas com base no ambiente físico adequado à leitura, no modo como se lê, nos tempos e ritmos individuais de leitura, nos limites e interesses do grupo e na necessidade de legitimar a diversidade dentro do grupo, atendendo a particularidades.

ATIVIDADES PRÉ-LEITURA

“Mais do que oferecer o que ler, é necessário oferecer razões do que ler.”
(Foucambert, 1994).

Como receber o livro

Se a literatura pode ser uma estrada para percorrer e apreciar, o primeiro ponto a ser pensado é: como convidar o estudante a dar o primeiro passo? Como o livro de literatura deve chegar às mãos do leitor?

No processo de formação de leitores, essa reflexão é fundamental, pois pode influenciar diretamente o grau de entusiasmo pela leitura. É importante que o mediador demonstre uma relação de cuidado (valor) e afetividade com o livro, além, é claro, de despertar a curiosidade, o desejo de conhecer a história e de “ser” leitor.

Observado o tema, há inúmeras formas significativas do livro chegar às mãos dos estudantes. Apresentamos aqui uma sugestão:

Por se tratar de uma história que envolve um mistério, você, professor, pode estimular os estudantes a entrar no clima, investigando. Para tal, agende uma atividade de leitura, ainda sem divulgar o título do livro e, na hora marcada, cancele, dizendo que o livro a ser lido desapareceu. Crie uma pequena história de sumiço

que faça sentido no seu contexto escolar e desafie os alunos a encontrar o livro desaparecido.

Antes de organizar a busca, decida se, ao final, os estudantes encontrarão o livro para então iniciar a exploração a partir da capa, ou uma réplica em branco, apenas com páginas coloridas, o que poderá influenciar diretamente a compreensão do título, criando expectativas de leitura mais direcionadas.

Prepare uma investigação temática criando um pequeno enredo com desafios em que as letras tenham papel fundamental: caça-palavras, enigmas com letras faltantes, códigos (substituir letras por imagens ou números), charadas, entre outras, adequando o grau de dificuldade ao perfil da sua turma. Esconda as pistas pela escola, de forma que uma leve à outra, constituindo uma trilha que aproxime os estudantes do lugar onde encontrarão o “tesouro”.

Para esse tipo de atividade, o ideal é dividir a turma em grupos pequenos, criando uma trilha de 4/5 pistas (etapas) para cada grupo.

Seja qual for sua opção em relação ao livro que será encontrado pelos estudantes, é importante que esteja protegido, embalado com todo cuidado, afinal, trata-se de um objeto pleno de significado e, por isso, de real valor, como um tesouro.

Com o livro em mãos: o primeiro contato

No primeiro contato com um livro é importante deixar que os estudantes o explorem livremente. Se considerar oportuno, promova a exploração em duplas estimulando a troca de percepções. Depois disso, proponha que compartilhem suas descobertas e inferências, reforçando ou problematizando aspectos relevantes no sentido de desestabilizar ou pelo menos oferecer perspectivas que mobilizem a curiosidade, a atenção, o engajamento, a articulação de conhecimentos, o compartilhamento de hipóteses e reflexões que indiquem caminhos para a compreensão inicial e a leitura. Considere todos os apontamentos. Não existe percepção errada. Essa máxima deve ser lembrada em qualquer momento da exploração literária, afinal a literatura pode oferecer caminhos diferentes, pois as pessoas e as percepções são diferentes.

As sugestões de abordagens elencadas a seguir foram organizadas em itens para facilitar a leitura, não se trata de uma sequência de ações ordenadas, tampouco obrigatórias.

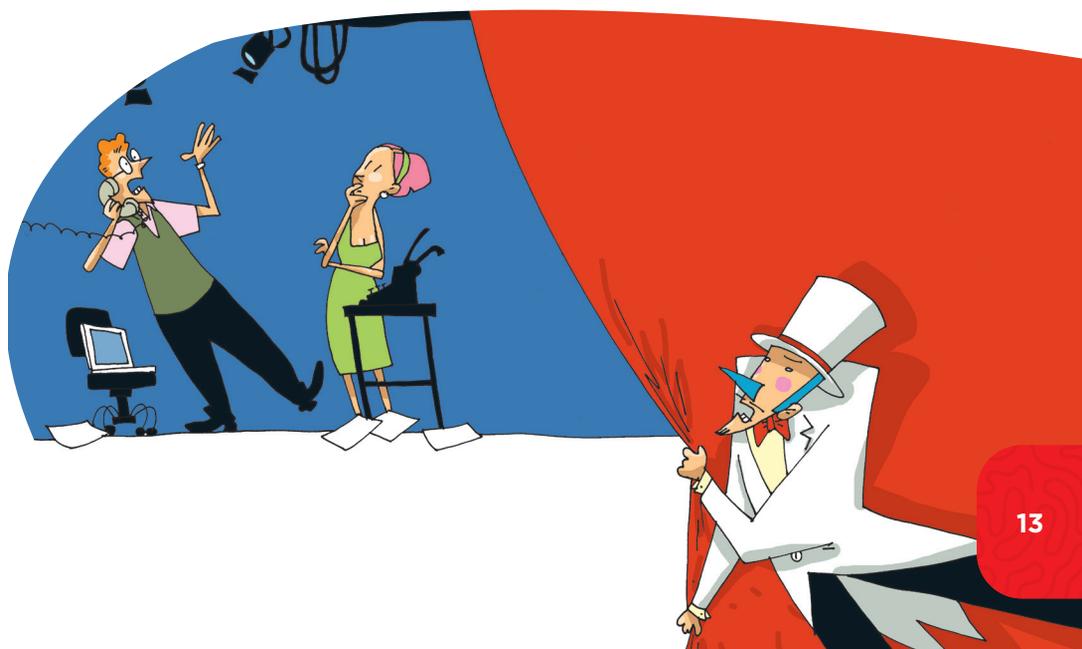
Livro: formato e as características físicas.

Capa: intencionalidades/significados – cores, composições e características. A que se refere a ilustração? Tipo de letra? Por que esses elementos estão na capa?

Título: analisar a escolha de palavras que compõem o título. Quem pode ter comido as historinhas? Por quê? Que gosto as historinhas podem ter? Quem comeu, o fez com a boca, com os olhos ou com as mãos? Em que parte do corpo as historinhas ficam depois de engolidas? O que você faz quando gosta muito de uma história?

Contracapa: leia para ou com os estudantes a contracapa, que traz informações importantes que podem auxiliar na identificação de pontos de interesse da turma e na escolha das estratégias e do percurso de exploração do texto. Proponha uma conversa no sentido de estimular inferências e o compartilhamento de expectativas em relação a: o mistério das letras que somem; os escritores que não conseguem escrever; as personagens Papão e Cristiane (detetive); o questionamento sobre o mundo sem histórias e o gênero textual (texto feito para uma peça de teatro, fácil de encenar). Verifique os conhecimentos dos estudantes sobre as palavras peça (dentro e fora do contexto), encenar e teatro. Questione o que é teatro e quais os profissionais que trabalham no teatro; quais são os elementos da estrutura física do teatro (palco, plateia, bilheteria, camarim, cortina, cenário...), e o que o texto pode ter de diferente. Neste momento, o estudante que percorreu algumas páginas poderá citar as rubricas: os nomes das personagens antes de todas as falas e/ou textos entre parênteses que indicam ações das personagens (ver atividades sugeridas durante a leitura).

Autoria, ilustrações: converse sobre a autora e o ilustrador, informações disponíveis na apresentação da obra, e oriente o aluno a pesquisar e apresentar biografia e/ou outros títulos dos dois.



Com o livro em mãos: observando um pouco mais

Ainda com o livro na mão, proponha que os estudantes percorram as páginas e comentem suas impressões. Por exemplo, na página 1 aparece uma personagem de fraque e cartola brancos: quem pode ser? Como a personagem se relaciona às informações que temos sobre o livro?



(EF15LP02) Estabelecer expectativas em relação ao texto que vai ler (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função social do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse texto, o gênero, o suporte e o universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, checando a adequação das hipóteses realizadas.

(EF15LP04) Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

ATIVIDADES DURANTE A LEITURA**Para começar, os elementos básicos do teatro**

Como se caracteriza o momento da leitura? A leitura da obra **Quem começou as historinhas?** começou no momento em que o estudante teve seu primeiro contato com o livro. As percepções iniciais do objeto livro colaboram para que o estudante faça sua leitura “de fora”, isto é, construa suas percepções sobre o que virá para, então,

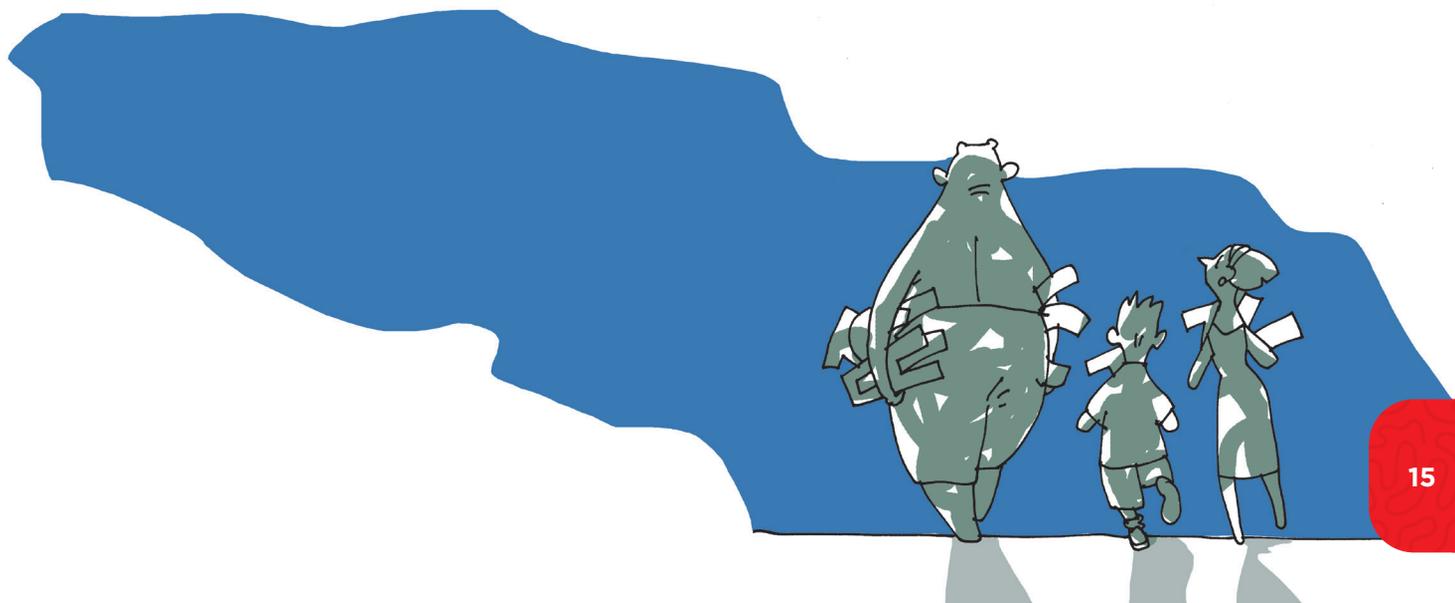
iniciar a leitura “de dentro”, a leitura do texto em si. Daí a importância do nível de motivação e engajamento que a exploração inicial pode proporcionar.

Nesse sentido, apresentamos uma proposta para a leitura da página 5, como uma espécie de transição entre a leitura da obra e a leitura do texto da obra. A página pode desestabilizar as expectativas dos estudantes por trazer informações estruturais e específicas do gênero texto teatral: personagens, cenários, figurinos, adereços e contrarregra. Qual a função dessas informações? Procure alertar os estudantes para que relacionem os elementos descritos na página às informações do título e da contracapa. Anote as hipóteses para confrontá-las no momento oportuno.

Personagens: possíveis questionamentos: qual o papel do narrador? O que é possível descobrir sobre as personagens a partir do nome e do número de falas? O que podem significar: nome no diminutivo, apelido e nome no aumentativo? Quais personagens parecem ser crianças e quais parecem ser adultos? Será que quem tem mais falas é a personagem principal? Anote as hipóteses. A partir da leitura do subtítulo “Figurinos” os estudantes terão mais pistas.

Cenário: é a ambientação com os objetos e os elementos visuais que irão compor a cena. Não é exatamente o espaço onde a cena vai acontecer, pois ela pode ser encenada na rua ou numa sala de aula. Cenário é o que colocamos em um espaço de cena. Possíveis questionamentos: por que esse tipo de informação vem antes do texto? Em que aspecto ela é importante? Em quais ambientes (espaços) a história acontecerá? É necessário conhecer a história para compreender o cenário?

Figurino: é a roupa utilizada pelos atores quando fazem teatro. Ele tem como função “apresentar” a personagem, pois pode indicar a idade, o estilo de vida, ou alguma característica específica. Verifique se a descrição do figurino anula algumas das hipóteses levantadas sobre a idade e o jeito de ser, principalmente em relação



ao Alfredinho (que pode ter sido descrito como criança) e ao Papão (que pode ser menos assustador, ou mais moderno, do que o esperado).

Adereços: são objetos utilizados em cena com a função de tornar a ação da personagem mais real. Questione qual seria a função de cada um dos objetos citados.

Contrarregra: é o técnico responsável por providenciar os elementos necessários para dar sentido à cena. – Possível questionamento: por que letras deverão cair por cima do palco?

Explore as referências dos estudantes sobre teatro, a diferença entre teatro (lugar) e texto teatral, com foco na linguagem teatral: corporal, gestual, expressiva (voz), dinâmica. Como o escritor pode representar esses elementos no texto escrito?



(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.

(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

Para que interromper a leitura? A narrativa

Sugerimos que, para cada leitura, seja feita um tipo de exploração. É importante que, desde cedo, o leitor seja exposto a diferentes intenções e objetivos de leitura. Isso possibilita avanços na compreensão e na regulação do ato de ler, que começa a exigir estratégias diferentes para objetivos diferentes.

Apresentaremos aqui sugestões de momentos em que a leitura pode ser interrompida para aguçar a curiosidade dos estudantes, criando novas expectativas e mantendo o interesse na narrativa.

Apesar de oferecermos um “mapa” de intervenções sobre a história, cada mediador tem o poder de decisão sobre que momentos seriam mais interessantes para seu grupo. Isso porque as escolhas dependem do acompanhamento da leitura e

do engajamento dos estudantes, além, é claro, de outros conhecimentos sobre as características e habilidades do grupo.

Seguem algumas propostas de intervenções que possibilitem a articulação da palavra literária à vida:

Página 10: levante hipóteses sobre onde Cristiane pode procurar pistas.

Página 15: pergunte o que os alunos acham que as personagens podem fazer para descobrir o que há na casa sem serem descobertos. O que pode acontecer se forem descobertos? Um ser que come letras moraria numa casa comum?

Página 17: inicie uma conversa perguntando se é possível um bicho ficar bravo e dizer que as letras são dele. Uma pessoa pode ser dona das letras ou das palavras?

Páginas 20 e 21: faça perguntas: como será que Cristiane imaginava o bicho-papão? Por que é surpresa o bicho-papão gostar de crianças e ficar triste por que as crianças não gostam dele? Qual mudança de imagem seria possível? Como seria uma manchete de jornal sobre o novo bicho-papão?

Páginas 22 e 23: aborde as diferentes combinações das letras que formam sílabas, palavras, frases, parágrafos, antes de formar as histórias. Converse sobre a diversidade e a grande quantidade de histórias que existem. Que ideia Cristiane teve para resolver a situação?

Páginas 24 e 25: procure levantar hipóteses: quais outros monstros poderiam gostar de ser amigos das crianças?

Páginas 26 e 27: pergunte o que os estudantes fazem quando querem melhorar suas histórias. Como é possível melhorar uma história? Proponha que compartilhem estratégias de escrita e revisão. Se considerar oportuno, crie um quadro, ou painel de estratégias e deixe exposto na sala de aula, para ser consultado durante os momentos de escrita. Será que a revisão e a reescrita resolveriam o problema?

Páginas 28 e 29: faça perguntas abordando as percepções sobre o texto: Alfredinho ficou confortável com a situação? Por quê?



Páginas 30 e 31: proponha reflexões sobre o desfecho. Por que as letras nunca mais desapareceram? Por que Papão não se contentava com nenhuma das histórias escritas por Alfredinho? Será que ele é mesmo tão exigente ou só queria ficar na companhia do escritor?

Para que interromper a leitura? O gênero teatral

Como já dissemos neste Material, mediar a leitura é como acender uma lanterna no escuro, possibilitando novas descobertas. Nesse processo, quando todas as luzes se acendem, o leitor já não é o mesmo. Sua percepção sobre o outro e sobre o mundo foi ampliada.

Desta forma, reiteramos a riqueza do texto teatral: uma narrativa que carrega outras informações que, além de caracterizar o gênero, possibilitam o entendimento sobre os elementos da arte dramática e os recursos utilizados durante uma encenação.

Seguem sugestões de intervenções com foco na estrutura do gênero. Além de destacar os elementos abaixo, proponha questões sobre suas funções e impacto no entendimento da narrativa. Outra proposta é transcrevê-los para fichas para que os estudantes identifiquem e classifiquem em grupos e subgrupos:

Orientações de **cenário**.

Orientações de **efeito**: objetos que devem surgir na cena e envolvem outros sujeitos (contrarregra) e preparação antes da encenação.

Orientações que envolvem as **personagens**: sobre gestos, deslocamento, tom de voz.

O papel do **narrador**: contextualizar a cena, trazendo novas informações para a narrativa, colaborando na passagem das cenas (abrindo e fechando as cortinas).



(EF15LP04) Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP18) Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.

BNCC

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.

(EF35LP10) Identificar gêneros do discurso oral, utilizados em diferentes situações e contextos comunicativos, e suas características linguístico-expressivas e composicionais (conversação espontânea, conversação telefônica, entrevistas pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio e TV, narração de jogos esportivos no rádio e TV, aula, debate etc.).

(EF35LP24) Identificar funções do texto dramático (escrito para ser encenado) e sua organização por meio de diálogos entre personagens e marcadores das falas das personagens e de cena.

(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

(EF15LP09) Expressar-se em situações de intercâmbio oral com clareza, preocupando-se em ser compreendido pelo interlocutor e usando a palavra com tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.

(EF15LP12) Atribuir significado a aspectos não linguísticos (paralinguísticos) observados na fala, como direção do olhar, riso, gestos, movimentos da cabeça (de concordância ou discordância), expressão corporal, tom de voz.

(EF15LP13) Identificar finalidades da interação oral em diferentes contextos comunicativos (solicitar informações, apresentar opiniões, informar, relatar experiências etc.).

Ler para desenvolver vocabulário

A PNA é bastante enfática ao tratar a importância do desenvolvimento de vocabulário para a compreensão de textos:



O **desenvolvimento de vocabulário** tem por objeto tanto o vocabulário receptivo e expressivo, quanto o vocabulário de leitura. Os leitores iniciantes empregam seu vocabulário oral para entender as palavras presentes nos textos escritos.

Pode-se desenvolver o vocabulário indiretamente, por meio de práticas de linguagem oral ou de leitura em voz alta, feita por um mediador ou pela própria criança; ou diretamente, por meio de práticas intencionais de ensino, tanto de palavras individuais, quanto de estratégias de aprendizagem de palavras. Um amplo vocabulário, aliado à capacidade de reconhecer automaticamente palavras, é a base para uma boa compreensão de textos.

Nesse sentido, nossas sugestões para o trabalho com vocabulário podem ocorrer a partir da exploração do texto e indicação dos próprios estudantes (palavras que não compreendem totalmente) ou a partir de uma lista de palavras que deverão ser encontradas no texto para que se estabeleça sentido a partir do uso.



Em ambas as sugestões, é aconselhável o trabalho em pequenos grupos para que haja levantamento de hipóteses, trocas, construção de significado e de outros usos para as palavras por meio da criação de frases. Proponha de forma lúdica a exploração dos diferentes significados e usos de algumas palavras. Sugira o uso do dicionário apenas se houver necessidade. Para as palavras mais difíceis, procure elaborar questões ou criar exemplos de uso que possam aproximar os estudantes ao sentido. Ao final, proponha que os grupos apresentem seus trabalhos.

Sugestão de palavras:

Rubricas - Peça - Narrador - Cenário - Cena - Encenar - Figurino - Figurinista - Adereço - Contrarregra - Trilha - Ruído - Desembucha - Pirralhos - Simpática - Pepino - Drama - Aprovo - Abacaxi

Sugestão de expressões:

Bruta indigestão - Tempo das cavernas



(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

(EF35LP18) Escutar, com atenção, apresentações de trabalhos realizadas por colegas, formulando perguntas pertinentes ao tema e solicitando esclarecimentos sempre que necessário.

(EF35LP19) Recuperar as ideias principais em situações formais de escuta de exposições, apresentações e palestras.

Ler para reescrever

Proponha que os estudantes se organizem em duplas para refazer a leitura oral e dialogada do texto, desta vez com o objetivo de preparar um novo conto escrito para a organização de um painel.

Oriente-os a, durante a leitura, questionar e fazer anotações sobre os elementos da narrativa: personagens, tempo/espço, enredo. Se considerar oportuno, ofereça um roteiro, no sentido de auxiliar os estudantes a constituírem suas próprias estratégias para a leitura com o objetivo de recontar a história.

A seguir, proponha que os estudantes realizem o reconto escrito do livro. Se considerar oportuno, construa coletivamente critérios para a escrita do novo conto, que depois poderão servir como critérios de avaliação.

Se considerar oportuno, proponha a troca das produções entre duplas, a avaliação a partir dos critérios estabelecidos e uma conversa para a troca de sugestões e elogios. Depois, corrija trabalho na presença da dupla, proponha a reescrita de uma versão final, acompanhada de ilustração para a exposição.



(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

(EF15LP04) Identificar o efeito de sentido produzido pelo uso de recursos expressivos gráfico-visuais em textos multissemióticos.

(EF35LP07) Utilizar, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso.

(EF35LP29) Identificar, em narrativas, cenário, personagem central, conflito gerador, resolução e o ponto de vista com base no qual histórias são narradas, diferenciando narrativas em primeira e terceira pessoas.

(EF35LP30) Diferenciar discurso indireto e discurso direto, determinando o efeito de sentido de verbos de enunciação e explicando o uso de variedades linguísticas no discurso direto, quando for o caso.

BNCC

(EF15LP05) Planejar, com a ajuda do professor, o texto que será produzido, considerando a situação comunicativa, os interlocutores (quem escreve/para quem escreve); a finalidade ou o propósito (escrever para quê); a circulação (onde o texto vai circular); o suporte (qual é o portador do texto); a linguagem, organização e forma do texto e seu tema, pesquisando em meios impressos ou digitais, sempre que for preciso, informações necessárias à produção do texto, organizando em tópicos os dados e as fontes pesquisadas.

(EF35LP09) Organizar o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as normas gráficas e de acordo com as características do gênero textual.

(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

(EF15LP06) Rer e revisar o texto produzido com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, para corrigi-lo e aprimorá-lo, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de ortografia e pontuação.

Ler para explorar a língua

Essa proposta parte da observação e da exploração das convenções, das regularidades e das especificidades da língua escrita. Não se trata, porém, de buscar ocorrências ou de apresentar as ocorrências a todo momento. Esta sugestão é apenas uma referência para que, quando houver oportunidade, a lanterna aponte uma ou outra situação de uso da língua que corresponda a questões estudadas.

Por exemplo: os diálogos da narrativa podem ajudar os estudantes a reconhecer o discurso direto (EF03LP07), o uso da linguagem informal e os verbos de enunciação, que podem estar no texto ou nas rubricas (EF35LP22, EF35LP30).

Literacia familiar

A **literacia familiar** é um ponto bastante importante e desafiador na PNA pela possibilidade de promover avanços significativos nos processos de desenvolvimento da fluência leitora e da formação do leitor e, ao mesmo tempo, pela possibilidade de envolver a criação de hábitos de leitura fora do ambiente escolar, a partir de atividades e orientações do professor para os estudantes e para a família.

Manter o engajamento de tantos sujeitos não é uma tarefa fácil, por isso você deve privilegiar atividades de leitura que sejam capazes de gerar conversas e interações que ultrapassem as fronteiras de um momento de leitura e levem a um momento de trocas, presença e atenção. Além da leitura de histórias, há a troca de saberes e afetos.



O êxito das crianças na aprendizagem da leitura e da escrita está fortemente vinculado ao ambiente familiar e às práticas e experiências relacionadas à linguagem, à leitura e à escrita que elas vivenciam com seus pais, familiares ou cuidadores, mesmo antes do ingresso no ensino formal. Esse conjunto de práticas e experiências recebe o nome de literacia familiar (Wasik, 2004; Sénéchal, 2008).

Sugerimos que a interação com as famílias seja feita após a exploração do texto e da prática das várias modalidades de leitura para que o estudante se sinta confiante, tanto em relação à leitura em si (treino) quanto em relação ao domínio da narrativa e seus elementos, podendo, inclusive, recriar, em casa, vivências de sala de aula. Nesse sentido, é esperado que a atenção do estudante esteja no momento e não na ansiedade por “fazer dar certo”.

Algumas sugestões são práticas para serem realizadas exclusivamente no ambiente familiar. Outras são indicadas para realização em casa e posterior compartilhamento na escola por meio de fotos, textos ou personagens criadas coletivamente. E há ainda as que exigem um nível mais alto de engajamento ao incentivar a leitura em casa e o compartilhamento na escola feito pela própria família em saraus ou rodas de conversa.

- A leitura compartilhada do texto e uma conversa que envolva a apreciação: o que mais gostou, por quê? O que mudaria, por quê? Os registros podem vir em forma de relato oral ou por escrito ou como entrevista (escrita, em áudio,

podcast) ou em vídeo como forma de colocar em prática os conhecimentos sobre as estruturas dos gêneros textuais já estudados (EF35LP10), (EF15LP08) (EF15LP09) (EF15LP13).

- A leitura compartilhada do texto e a pesquisa de outros textos do mesmo gênero para comparar as rubricas e outras orientações (EF15LP09) (EF15LP13).
- A leitura compartilhada do texto e a conversa sobre o bicho-papão e outros vilões que podem ter o mesmo desejo de serem visto de uma forma diferente, mais simpática. É possível criar em casa não só o texto como um boneco feito com materiais recicláveis que permitam a representação de um vilão como super-herói, por exemplo.
- A leitura dramática envolvendo a família, com registro fotográfico da experiência para a criação de um grande painel.
- A leitura compartilhada para a participação em uma roda de leitura na escola, um evento simples organizado pelos próprios estudantes.
- O ensaio da leitura dramática e a apresentação de trechos num sarau na escola.



(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP11) Reconhecer características da conversação espontânea presencial, respeitando os turnos de fala, selecionando e utilizando, durante a conversação, formas de tratamento adequadas, de acordo com a situação e a posição do interlocutor.

ATIVIDADES PÓS-LEITURA

Mais uma vez, apresentamos várias sugestões que podem ser adaptadas, transformadas ou podem servir de inspiração para suas propostas de pós-leitura. Existem alguns pressupostos que podem orientar suas escolhas:

- Oportunize a fala e a escuta atenta
- Valorize os interesses do grupo. Durante a leitura, sinalize os momentos da narrativa que mais chamaram a atenção da turma ou que conversas desencadearam maior diversidade de percepções e opiniões
- Proponha manifestações objetivas e subjetivas utilizando diversidade de materiais e recursos
- Promova situações que estimulem a colaboração e as trocas. Atividades em grupo, discussões, utilização de materiais coletivos, entre outras. Distribua as funções ou permita que os alunos se organizem e, se possível, proponha a troca de papéis, ampliando as vivências
- Estabeleça e/ou construa coletivamente critérios para que os estudantes, ao final da produção, possam identificar pontos de atenção ou dificuldades. Oportunize situações em que haja reflexão: “O que preciso fazer para que este trabalho fique bom? O que posso fazer para melhorar?”.

Painel artístico

Painel duplo: **Como seria a mente humana se não existissem histórias? Ainda bem que temos histórias...**

Produção em 3D.

Retome a questão do mundo sem histórias e solicite que os estudantes representem por meio de ilustrações e colagens as legendas “Como seria um mundo sem histórias?” e “Ainda bem que temos histórias...”.

Disponibilize revistas, folhetos, folders e diversos materiais como barbantes, sergagem, sobras de papel e retalhos de tecidos de diferentes cores e texturas, embalagens (quanto mais variedade melhor!) e convide os estudantes a coletarem elementos da natureza como folhas, gravetos, flores, pequenas pedras e o que mais a imaginação permitir.

Alguns critérios: produção criativa e subjetiva, uso diversificado de materiais, legenda com a ideia central da representação e escrita corretamente.

Solicite que cada estudante apresente suas duas produções e organize com eles um painel coletivo num lugar de fácil acesso na escola. Escolha em conjunto as cores do fundo do painel (um pode ser escuro e o outro iluminado) e a forma como a legenda será colocada (etiquetas, placas). Verifique a possibilidade de convidar as famílias para visitar a escola e conhecer o painel.

O outro lado de um vilão assustador: álbum com novas personagens

Álbum coletivo apresentando **O outro lado de um vilão assustador!**

Produção de texto e de ilustração. / Atividade em dupla.

A proposta é que cada dupla de estudantes escolha um vilão considerado muito assustador e crie, a partir das características dele, um novo papel que pode ser uma profissão, um superpoder que pode torná-lo um herói, a prática de um esporte ou uma nova função na sociedade.

Disponibilize livros, histórias e imagens de vilões de histórias ou personagens do nosso folclore (que façam algum tipo de maldade) para que os estudantes possam escolher um vilão e analisar sua aparência (roupas) e características físicas, sociais e emocionais para construir uma nova imagem. Faça uma lista coletiva e proponha que cada dupla escolha um ou faça um sorteio.

Apresente alguns critérios como: utilizar pelo menos duas características do vilão; criar uma nova imagem física, a partir de roupas, por exemplo; utilizar o nome ou parte do nome original. Por exemplo: Lobo Mau vira Lobo Simpático, Lobo Defensor da Natureza, Lobo Herói... Malévola pode virar Lindévola, Engraçadévola, e assim por diante.

Proponha que os estudantes preencham uma ficha da nova personagem e façam uma ilustração de referência. Verifique a possibilidade de utilizar uma imagem pré-existente e fazer colagem para representar as mudanças. Explique que essa ficha vai se transformar num álbum de personagens que será entregue a escritores e ilustradores para que escrevam novas historinhas. Antes de construir o álbum, solicite que cada dupla apresente sua personagem e que as outras duplas façam perguntas e anotações sobre ela. Cada dupla deverá escolher uma outra personagem, que não a sua, para a continuação da atividade.

Novo nome:	
Tipo de roupa:	
Onde mora:	
Como vive:	
Principais habilidades ou poderes:	

Situações em que pode ajudar:	
Tipo de vilões que pode combater:	
Principal fraqueza:	

Para a avaliação, veja a sugestão na continuação da atividade.

O outro lado de um vilão assustador: o encontro

Produção de texto – continuação.

Depois que as duplas escolherem a personagem sobre a qual desejam escrever, proponha que, utilizando a mesma estrutura de **Quem comeu as historinhas?**, escrevam e ilustrem uma cena em que o vilão na narrativa original encontra com a nova versão. Por exemplo: Chapeuzinho Vermelho encontrando o Lobo Herói; os Três porquinhos encontrando o Lobo Defensor da Natureza; o encontro entre a princesa Aurora e Lindévola, Engraçadévola.

CrITÉRIOS: neste texto, devem ser indicados personagens, cenário, figurino, adereços e contrarregra (se necessário). Deve haver rubricas e um narrador, que contextualiza o encontro (onde, quando e como). Deve haver diálogo entre as personagens e uma ilustração para a cena que leve em consideração os elementos do teatro (palco, luz, cortina).

Deve ser feito um rascunho para que o estudante verifique o cumprimento dos critérios estabelecidos. Faça as adaptações necessárias e só então faça a versão final do texto. Com essa versão em mãos, realize a avaliação na presença dos estudantes. A fim de interagir durante esse processo, faça perguntas como: o que vocês quiseram dizer aqui? Existe outra forma de escrever a mesma coisa? Com que letra esta palavra pode ser escrita? Verifique a necessidade de reescrita.

Solicite que os estudantes compartilhem suas produções e organizem um painel ou um livro com um título que defina o trabalho. Sugestão: **O outro lado dos vilões: quem poderia imaginar?**

Literacia familiar

Ao compor o álbum e o livro procure formas de compartilhar com as famílias. Sugerimos que cada estudante leve para casa uma das duas produções de acordo com a disponibilidade das famílias. Envie um bilhete explicando a proposta e monte um cronograma. Proponha registros por meio de enquetes e, para isso, construa um questionário coletivo com itens como: de qual a personagem que a família mais gostou, por quê? Qual encontro considerou mais interessante? Que outra personagem a família sugere?

Depois que todos os estudantes realizarem seus registros, verifique os mais votados e anexe a pesquisa ao livro/álbum.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em setembro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/SEALF, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em março de 2021.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Linguística*. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LERNER, Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002, 2001.

MORAIS, Artur Gomes de. *Ortografia: ensinar e aprender*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. 2a. ed. Campinas: Pontes, 1991.

ROUXEL, Annie. "Aspectos metodológicos do ensino da literatura". In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de & JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2020. pp. 17-33.

SILVA, Márcia Cabral de. "A leitura literária como experiência". In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de & JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2020. pp. 50-64.

SILVEIRA, Julio & RIBAS, Martha (Orgs.). *A paixão pelos livros*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

SOUZA, Renata Junqueira (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprender a escrever: a apropriação do sistema ortográfico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. *Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita: questões clínicas e educacionais*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

5. SOBRE A RESPONSÁVEL PELO MATERIAL

Patrícia Montezano é professora de Língua Portuguesa, jornalista pela FIAM (FMU), pedagoga pela FFLCH/USP, mestre em educação e especialista em educomunicação pela Universidade de São Paulo e autora de materiais didáticos e de literatura infantil.